

consciência Bancária

EDIÇÃO DIÁRIA - ANO XXV - Nº 6232 - QUINTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 2018



ELEIÇÕES 2018:

VEJA ALGUMAS PROPOSTAS DOS CANDIDATOS E VOTE CONSCIENTE

No próximo domingo (28) acontece o segundo turno das eleições para a presidência da República. Vamos escolher que futuro queremos para o nosso país. Os projetos são totalmente distintos e o eleitor tem a oportunidade de escolher o que mais se identifica.

Leia abaixo algumas propostas dos candi-



dados e vote com consciência para um Brasil melhor:

Fernando Haddad - PT 13

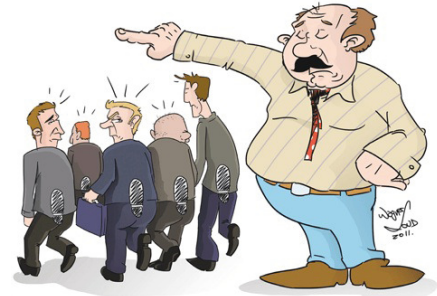
- Proteção da organização de representação, das conquistas e dos direitos dos trabalhadores;
- Revogação da reforma trabalhista;
- Revogação da Emenda Constitucional 95 (EC 95) - que congelou os gastos públicos com saúde, educação e segurança por vinte anos;
- Retomada do crescimento econômico com valorização do trabalho e da geração de empregos decentes;
- Defesa dos Bancos Públicos (Caixa, Banco do Brasil e BNB);
- Reforma Tributária e taxação das grandes fortunas;
- Saúde - aumentar a fiscalização sobre os planos, melhoria da qualidade e humanização do SUS e ampliação da Farmácia Popular;
- Educação - mais creches, enfrentar a crise no ensino médio, bolsa para jovens em situação de pobreza e valorização dos professores;

Jair Bolsonaro - PSL 17

- Saúde - entre as propostas, exclusão de vítimas de estupro do atendimento do SUS, nada sobre revogação da EC 95 e educação a distância para o ensino fundamental.
- Criação de uma nova carteira de trabalho verde e amarela, voluntária, para novos trabalhadores (em que o contrato individual prevalece sobre a CLT), além de ameaçar o 13º salário e o adicional de férias.
- Não há no programa de governo de Jair Bolsonaro propostas sobre os direitos humanos, o meio ambiente, pessoa com deficiência, habitação e cultura.

No domingo, o voto deve ser consciente. Boa eleição!

SEM PENA, BANCOS CORTAM 1.741 POSTOS DE TRABALHO



Não importa quanto lucrem, os bancos, que formam o setor que nem sequer foi atingido pela crise que assolou o país, cortaram 1.741 postos de trabalho de janeiro a setembro deste ano.

De acordo com o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) do Ministério do Trabalho, nos nove primeiros meses de 2018, foram 22.284 admissões e 24.025 desligamentos.

Os bancos múltiplos com carteira comercial, como o Itaú, Bradesco, Santander e Banco do Brasil, fecharam 870 postos no período. Já a Caixa extinguiu 1.021 vagas. Juntos, as cinco empresas empregam 90% dos bancários no país e lucraram R\$ 41,9 bilhões apenas no primeiro semestre deste ano. A alta é de 17,8% em relação a idêntico período de 2017.

Rotatividade

Prova que a estratégia é gastar menos para lucrar ainda mais, os bancos encontram na rotatividade mais uma oportunidade de economizar. Como se precisassem.

De janeiro a setembro, os bancários contratados ganhavam, em média, R\$ 4.272,00. Inferior ao salário médio de R\$ 6.525,00 dos funcionários desligados. Ou seja, os admitidos receberam apenas 65% do que os dispensados ganharam.

Fonte: SBBA

PLANTONISTAS DE HOJE

Manhã: LIAMARA

Tarde: CHICÃO

OUTUBRO ROSA

A PREVENÇÃO É O MELHOR CAMINHO



consciência Bancária

Informativo do Sindicato dos Bancários de Itabuna e Região. Edição Diária. Diretores Responsáveis: Jorge Barbosa (Presidente); Liamara Bricídio (Dir. Imprensa). Endereço: Av. Duque de Caxias, 111, Centro. Fone: (73) 3613-3232 (Oi); 3026-0084 (Vivo) • Endereço eletrônico: bancariositabuna@bancariositabuna.com • Página na Internet: www.bancariositabuna.com • Diagramação: Bruno de Azevedo

PROGRAMA ECONÔMICO DE BOLSONARO É RUIM PARA TRABALHADOR E EMPRESAS

A redução de impostos e de direitos sociais e trabalhistas, de um lado, e a venda de estatais, de outro, resumem o programa do candidato a presidente Jair Bolsonaro (PSL) e de seu assessor Paulo Guedes para a economia. Somada à abertura ao mercado externo, com retirada de tarifas protecionistas, deve resultar em uma “inundação” de produtos importados no país. “Não vai sobrar nada da indústria brasileira ou das multinacionais localizadas no Brasil”, diz o professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) João Sicsú.

Ele aponta que o programa econômico do candidato do PSL “em nada tem a ver com o Brasil”, e resulta da combinação dos interesses do mercado financeiro – em especial multinacionais que exploram recursos naturais, como o petróleo – representado por Guedes, e de grupos de militares que garantiriam a repressão para fazer aprovar medidas de austeridade também desejadas pelo mercado, com cortes nas aposentadorias, assim como foi adotada na Grécia após a crise global iniciada em 2007.

O economista diz que as críticas feitas ao 13º salário pelo vice de Bolsonaro, general Hamilton Mourão, são ilustrativas das propostas da chapa que vão na contramão do fortalecimento do mercado interno. “O empresário acha muito interessante porque não vai ter que arcar com mais uma folha salarial, mas se esquece que não vai ter uma folha a mais do lado da demanda. São mais de 13 milhões de desempregados e milhares de empresas falindo”.

Sicsú, que foi diretor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) entre 2007 e 2011, compara as propostas de Guedes com aquelas implementadas no Chile durante a ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990), que também adotou uma plataforma econômica liberal, cortando aposentadorias e abrindo a economia nacional às empresas estrangeiras. Tudo isso com o amparo dos militares para sufocar os descontentes.

Setores produtivos já demonstram preocupação com a abertura irrestrita ao mercado externo. Entidades representativas da indústria nacional, como a Associação Brasileira de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) e a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), dizem que Bolsonaro e sua equipe não estão levando em consideração o impacto das suas medidas para o mercado interno. “A equipe de Bolsonaro procura mais o mercado financeiro do que o setor produtivo, principalmente o Paulo Guedes”, alertou o presidente da Anfavea, Antonio Megale, após a vitória do candidato militar no primeiro turno.

Ainda antes da votação, o então candidato Ciro Gomes (PDT) havia chamado a atenção sobre as consequências para a balança comercial brasileira da retirada de incentivos fiscais para o setor do agronegócio, como defendem Bolsonaro e Guedes. Em entrevista ao portal G1 (confira o vídeo), sem a exportação de produtos primários e com a importação de produtos industriais, a conta não fecha, podendo acarretar numa escalada no preço do dólar, que teria efeitos inclusive na inflação, segundo o presidenciável que ficou em terceiro lugar no primeiro turno. “Bolsonaro representa a destruição da nação brasileira”, diz Ciro.

Sobre a excitação dos operadores da Bolsa de Valores com uma eventual vitória de Bolsonaro, Sicsú diz tratar-se de um movimento “meramente especulativo”, já que a elevação dos preços das ações não corresponde ao investimento das empresas. “Quando as ações sobem e as empresas investem, aí sim. Mas não é o caso brasileiro, que está com investimento negativo há quatro anos.”

Os interesses do mercado financeiro e dos militares podem se chocar, diz o economista, já que generais nomeados para comandar as estatais, como era na ditadura, podem apresentar resistência às tentativas de privatização, ainda mais quando passarem a ocupar cargos que pagam vultosos salários nas diretorias das empresas públicas. Dessas contradições vem a curta lua-de-mel com um eventual governo Bolsonaro, já prevista por algumas vozes do mercado.

“O que eles vão tentar fazer é um programa de austeridade “à la Grécia”. Não sei se vão conseguir, porque militares vão tentar tocar projetos de infraestrutura, e valorização de algumas estatais. Não sei quem vai ganhar essa disputa. Se depender do mercado financeiro, é Grécia. Privatizar tudo, cortar direitos, fazer uma reforma que acabe com a Previdência”, explica o professor, explicitando as contradições.